



A semiótica discursiva no estudo do jornalismo e da sociedade¹

Francismar Formentão²

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Resumo

Neste estudo evidencia-se o referencial teórico fornecido pelo filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, que no dialogismo centra considerações importantes para o entendimento do signo ideológico na comunicação social e sua interação com os diversos campos sociais e esferas de criatividade ideológica. Para compreensão do campo do jornalismo e sua realização social, é importante dialogizar com os diferentes conhecimentos num eixo semiótico, esta é a proposta da filosofia da linguagem ou semiótica discursiva, pois a linguagem proporciona condições de estudo epistemológico, ético, estético e ontológico das comunicações e da própria sociedade.

Palavras-chave

Semiótica discursiva; Filosofia da linguagem; Comunicação; Jornalismo; Sociedade.

A comunicação tem recebido ao longo da história contribuições importante de diferentes campos teóricos; estudos que buscam compreender a cultura envolvida nas comunicações, as tecnologias e o próprio desenvolvimento humano e social. Destaca-se nesta pesquisa o referencial filosófico-científico que pode fornecer subsídios para estudos abrangentes, que necessariamente, dialogizam com diferentes campos e métodos teóricos envolvidos na comunicação, mantendo o rigor que o estudo científico exige, mas sem a rigidez que mina os diálogos necessários com o mundo e com os diversos conhecimentos. Assim, a proposta da filosofia da linguagem permite um estudo epistemológico, ético, estético e ontológico, observando o signo ideológico em sua forma, seu conteúdo e os diversos tempos que o envolve, a sua produção de sentido e relação ética cognitiva com as alteridades envolvidas em sujeitos dos mais diversos campos sociais, dialogizando com outros discursos e conhecimentos existentes.

Dessa forma, pode-se estudar a multiplicidade e o dinamismo existente numa sociedade constituída historicamente e materializada num eterno devir, num inacabamento que a torna fluída. Na comunicação social, ou mesmo na especificidade

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² O autor é jornalista, Especialista em Comunicação, Educação e Artes, Mestre em Letras – Linguagem e Sociedade (Unioeste); docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) Guarapuava – PR (Brasil). E-mail: fformentao@yahoo.com.br.



do jornalismo encontram-se signos materializados, que permitem o estudo e a compreensão dos movimentos objetivados na sociedade.

O conhecimento sobre a comunicação surge principalmente devido à proliferação de diversos sistemas de transmissão de dados, destaque para a idéia da comunicação como sendo aquela da reprodução dos estados mentais (MATTELART, 2004). Neste sentido, “é preciso pensar de maneira diferente, portanto, a questão da liberdade e da democracia. A liberdade política não pode se resumir no direito de exercer a própria vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade” (MATTELART, 2004, p.187). Percebe-se que a comunicação está mesmo situada em lugar de grande importância para o estudo da sociedade.

Situados na encruzilhada de várias disciplinas, os processos de comunicação suscitaram o interesse de ciências tão diversas quanto a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a cibernética ou as ciências cognitivas. Ao longo de sua construção, esse campo particular das ciências sociais esteve, por outro lado, continuamente às voltas com a questão de sua legitimidade científica. Isso o conduziu a buscar modelos de cientificidade [...] (MATTELART, 2004, p. 9).

Nos estudos sociais não se pode descartar as diferentes correntes de pensamento, é importante existir um diálogo consistente e produzir conhecimento a partir deste, é impossível pensar em um conhecimento unidirecional. Toda realidade é envolta em perspectivas diversas, multidisciplinares, inter ou transdisciplinares, com o termo que melhor convir, esta multiplicidade evita reducionismos empobrecedores, principalmente por estar a comunicação social na encruzilhada de tantos estudos.

No estudo da comunicação é importante lembrar os esforços da chamada Escola de Frankfurt. Entre eles, destaca-se Theodor Adorno, crítico do iluminismo, que defendeu que o indivíduo passa a ser uma peça dependente da sociedade, com sua liberdade descartada pela sociedade, deixando de ser original. Para Adorno, o iluminismo fez surgir um domínio da razão sobre as demais dimensões humanas (MASIP, 2001, p. 356). Max Horkheimer, outro influente pesquisador desta escola, concordou com Marx quanto à idéia de que a dialética é um processo que abrange não só as relações econômicas, mas também as relações culturais e científicas. Para ele, o processo gerado pelo iluminismo foi o agente causador de “manipulação, exploração e opressão que se constata na sociedade contemporânea, pois instituiu o indivíduo e a realização pessoal como ideais humanos últimos” (MASIP, 2001, p. 355-356).

Destaca-se, na crítica desses pesquisadores, o conceito de indústria cultural, que suprime a função crítica e criativa até então existente na cultura e ocorre sua



metamorfose em valor mercadológico, dissolve o patrimônio até então acumulado pela humanidade em sua autêntica experiência, degradando-se, conseqüentemente, o papel “filosófico-existencial” que lhe é inerente (MATTELART, 2004, p. 78). O objetivo da indústria cultural é inteiramente a

[...] imitação. Reduzida a puro estilo, trai o seu segredo: a obediência à hierarquia social. A barbárie estética realiza hoje a ameaça que pesa sobre as criações espirituais desde o dia em que foram colecionadas e neutralizadas como cultura. Falar de cultura foi sempre contra cultura. O denominador “cultura” já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração. Só a “administração” industrializada, radical e conseqüente, é plenamente adequada a este conceito de cultura. (HORKHEIMER e ADORNO. In: LIMA, 1982, p. 169).

Os estudiosos observam que a indústria cultural – pode-se aqui pensar também em comunicação jornalística – faz não necessitar de pensamento intelectual para aquele que percebe esta comunicação. Assim, a *massa*, como destacam, tem seu comportamento automatizado e é forçada à disciplina do espetáculo numa pressão que exclui e desmoraliza aqueles que não se deixam domar, inibindo a reflexão crítica. (HORKHEIMER e ADORNO, In: LIMA, 1982, p. 175-190).

Em outra área de estudos da comunicação, pesquisadores apresentam a perspectiva do impacto das tecnologias da informação na sociedade contemporânea, enfatizando a recepção dessas tecnologias sobre as ciências, sobre as formas novas de representação da realidade e sobre a interação entre os novos espaços públicos e os novos sujeitos sociais. Pesquisadores como Muniz Sodré, Dênis Moraes, Armand Mattelart, Eduardo Galeano, Jesús Martín-Barbero, entre outros, analisam a nova ordem fundada na sociedade da informação: sua mercantilização, sua eticidade, seus múltiplos objetos, suas técnicas e seus mecanismos de construção de realidades, suas mediações.

Trata-se de fato da afetação de formas de vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional, cuja inclinação, no sentido de configurar discursivamente o funcionamento social em função dos vetores mercadológicos e tecnológicos, é caracterizada por uma prevalência de forma (que alguns autores preferem chamar de “código”; outros, de “meio”) sobre os conteúdos semânticos. (SODRÉ. In: MORAES, 2006, p. 21).

Para Muniz Sodré, a midiatização é mediação social prevalente no mundo atual com autonomia e espaço particular. Ela tem como objeto fundante a interatividade contínua, articulando-se em múltiplas formas híbridas com as várias organizações sociais, todas elas organicamente articuladas em suas finalidades mercadológicas. A midiatização promove o reflexo do real, que é aquele preconizado pela própria tecnologia.



As discussões apresentadas, algumas recorrentes em estudos da comunicação, representam passagens de pesquisas que podem enriquecer diálogos em estudos da formação social e da constituição de indivíduos nestas interações, nota-se nos exemplos dados da indústria cultura ou mesmo da midiaticização que o dialogismo com estes conhecimentos é enriquecedor para o estudo da comunicação e da sociedade.

Para utilização da semiótica discursiva (ou da filosofia da linguagem, ou método dialógico) para realização de um estudo com rigor científico, é necessário compreender que é na linguagem que o homem existe no mundo e é pela comunicação que ele interage com os outros seres humanos e com o próprio mundo. A linguagem é o começo e o fim de todas as realizações, que só têm sentido na própria linguagem. Compreendemos o mundo, os sujeitos, os acontecimentos, a vida, os tempos históricos pelos signos impressos em cadeias discursivas, seja na comunicação mediada ou na comunicação face-a-face.

A comunicação e a própria sociedade tem na linguagem um ponto comum para a análise e a interpretação em estudos elaborados. Bakhtin (1995) especifica que a linguagem é produto material da criação ideológica, negando a interpretação da ideologia como falsa consciência, pois:

Um produto faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (BAKHTIN, 1995, p. 31).

Bakhtin demonstra como este sentido dado ao signo carrega o peso da ideologia, objetivando uma relação materializada, neste caso, na imprensa, a comunicação social jornalística, com os signos materializados numa interação comunicativa, refletindo e refratando (como um resultado) uma realidade social.

O signo ganha mais complexidade na comunicação, neste movimento também existe a dialogia e evidencia as alteridades dos sujeitos, apresentando-se de forma diversa, orientando-se para uma dinâmica de fluxo interacional de “totalidades” sócio-históricas em sua integração, em sua funcionalidade ideológica e de construção, produção e circulação de sentido de ordem estética, ética e cognitiva. Os discursos promovidos pela forma e pelo conteúdo da comunicação ou comunicação social dialogam entre si e, os signos envolvem-se na interação, possibilitando múltiplas



relações de alteridade. O campo epistemológico é o do plurilinguismo e o da pluridiscursividade, dos múltiplos eus e nós.

A filosofia da linguagem de Bakhtin não esclarece a alteridade como diferença ou como par antagônico do eu. Não estabelece também ordenação, combinação de ordem valorativa ou normativa. O significado da alteridade ocorre entre o eu e o outro como interação em que ambos se incluem mutuamente. As relações recíprocas se definem na tríade eu-para-mim, no outro-para-mim e no eu-para-o outro, como ação concreta, ato em realização que requer compreensão responsiva e assunção responsável (responsabilidade) de ordem ética e cognitiva. Nesse movimento, os sujeitos participam ativamente da interação, experienciam o mundo em ação situada, avaliativa e valorada.

O método de estudo da comunicação e da sociedade centrado na semiótica bakhtiniana, ou filosofia da linguagem, tem o signo ideológico como determinante na interação e na socialização do homem, e mais ainda, propulsor da ação material que transforma o próprio homem e a natureza. Os signos assumem forma e conteúdo, conduzindo o sentido para a materialização dos movimentos da comunicação. Esta lógica é observada na comunicação contemporânea, por exemplo, a jornalística, que é submissa às relações que a “*empresa*” jornalística estabelece tendo em vista seus interesses privados. Para estabelecer uma discussão sobre a lógica do modelo de comunicação existente deve-se considerar a multiplicidade de teorias sobre a comunicação. É importante ainda considerar as esferas de criatividade ideológica e os campos sociais envolvidos, um estudo mais virtuoso da comunicação passa necessariamente por um estudo da multiplicidade envolvida, um estudo da sociedade, sejam eles do conhecimento do objeto de seu estudo ou de sua própria realidade, comunicação social e sociedade.

O conceito de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) está presente ao longo de toda a obra de Bakhtin e de seu Círculo, iluminando, por um lado, a teorização dos aspectos sociais nas obras literárias e, por outro, a natureza ao mesmo tempo onipresente e diversa da linguagem verbal humana. (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p. 133-134).

Os signos materializados nas esferas/campos sócio-históricos (jornais, círculos sociais) refratam e refletem as marcas de sua própria materialidade sígnica.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e



refrata a realidade à sua maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. (BAKHTIN, 1995, p. 33).

Para o estudo da sociedade o campo da comunicação social – ou mais especificamente do jornalismo – carrega a materialização de relações sociais em seus signos, envolve esferas como da produção jornalística e de interesses privados, da comunicação e da política, e uma possibilidade de entendimento de momentos históricos, uma vez que a sociedade é um campo dialógico da comunicação social.

Eixo central do pensamento baktiniano, o dialogismo (relações discursivas entre homem-mundo, homem-natureza e sujeito-objeto do conhecimento) ocorre entre discursos que interagem na comunicação e, nessa interação, produzem o movimento da significação. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (BAKHTIN, 1995, p. 123). Através da linguagem, os discursos são produzidos em condições específicas (enunciação), estabelecendo formas num intercurso social (enunciados) que, além de instaurar relações entre o eu e os outros, veicula o universo ideológico.

O movimento dos enunciados/enunciação é constante, não sendo apenas uma fala face a face ou em monólogo do “interior” do sujeito, pois “a situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação”. (BAKHTIN, 1995, p. 125).

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles [...] Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1992, p. 316).

No dialogismo percebe-se que todo enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros, levando em consideração o outro. O lugar onde brota o discurso ou a enunciação está determinado por uma situação social imediata independentemente da existência real do interlocutor. O meio social concreto propicia a emissão de discursos, tendo em vista um horizonte social do outro da classe social do contexto histórico de tal sorte que os discursos irão se aproximar “do auditório médio da criação ideológica” sem



“ultrapassar as fronteiras de uma classe e uma época bem definidas”. (BAKHTIN, 1995, p. 113). Para o Bakhtin, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. (BAKHTIN, 1995, p. 113). Compreende-se as enunciações quando “reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. (BAKHTIN, 1995, p. 95). Produzido em uma realidade material concreta, o sujeito é o ser do discurso, em uma condição sócio-histórica; com uma individualidade condicionada ao eu e ao outro, integrados em uma cadeia semiótica (sínica) no contexto mediato e imediato, sujeitos situados em devir e sustentados na alteridade.

Como o dialogismo é também o princípio gerador da linguagem e da produção de sentido do discurso, todos os discursos empreendem o dialogismo “retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 106). O sujeito descentralizado, interativo, forma a sua consciência pela cadeia ideológica.

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, no processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1995, p. 34)

Trata-se de uma cadeia de significação de aproximação entre um signo e outro, ou outros signos conhecidos, ocorrendo a compreensão pelo seu próprio encadeamento.

E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica. (BAKHTIN, 1995, p. 34).

A cultura, com seus universos de discursos e suas diferentes materialidades ideológicas, está em um constante fluxo de sentido, com conexões e movimentos em cadeias interdiscursivas que estão entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos já cristalizados e constituídos (moral, ciência, arte e religião). (BAKHTIN, 1999, p. 119).

Para Bakhtin, o embate ideológico localiza-se no centro vivo dos discursos, seja na forma de um texto artístico, seja com intercâmbio cotidiano da linguagem. Na vida social do enunciado (seja ela uma frase proferida verbalmente, um texto literário, um filme, uma propaganda ou um desfile de escola de samba), cada “palavra” é dirigida a um interlocutor específico numa situação específica, palavra essa sujeita a pronúncias, entonações e alusão distintas. (STAM, 2000, p. 62).

Na interação social, o intercuro da pluralidade sígnica abrange comunidades semióticas que têm funcionalidades específicas. Essas funcionalidades, contudo, pela própria plurivalência dos signos (inúmeros valores que se entrecruzam em um único discurso), permite a construção de uma identidade que é por esses signos, construída tanto quanto a fluidez dessa identidade em suas múltiplas refrações (BAKHTIN, 1995, p. 33; p. 34). No movimento histórico de formação identitária, o sujeito não se estabelece de modo univocamente distinto, particular. Ao contrário, se estabelece em vir-a-ser, constantemente se refazendo (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 105). Esse aspecto é pouco perceptível para o próprio sujeito por estar em constante interação com o outro, acreditando que esse outro não faz parte de si mesmo. Assim, a filosofia da linguagem ou semiótica discursiva permite, através da alteridade, compreender a relação dialógica dos discursos em suas combinações de ordem valorativa e normativa. Com seus sentidos refratados e refletidos em formas e conteúdos em tempo e espaço objetivados numa dinâmica fluida; para Bakhtin, este sistema é aberto e não absolutiza e nem relativiza axiologicamente o devir humano.

O sentido refratado e refletido signicamente tem nas marcas ideológicas a materialização das esferas e dos campos sociais, demonstram objetivamente a forma dialógica determinada por um horizonte social de uma época (espaço/tempo) e de um grupo social que carrega um índice de valor (conteúdo) (BAKHNTIN, 1995, p. 44). Juntos, forma e conteúdo, na interação social, produzem sentido ideológico que, na sua época, axiologicamente tenciona as tramas das diversas esferas ideológicas e dos campos sociais. O jornal acolhe esferas ideológicas que estão em constante tensão: o jornalista, os editores, os publicitários que querem tornar o jornal vendável, os donos do jornal que procuram o lucro. Outros campos sociais apresentam interferência significativa no conteúdo e na forma da comunicação social do jornal, como o campo político e o campo dos leitores, cada qual também com diversas esferas de criatividade ideológica produzindo refrações, condicionando o horizonte social e os *índices de valores* que determinam a comunicação social e, portanto, a forma e o conteúdo dos jornais.

Para compreender como o signo é resultado de um consenso da interação social, “razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 1995, p. 44), é necessário estudar a ideologia como fator que influencia as relações entre os signos e indivíduos. “[...] é apenas sob esta condição que o processo de determinação



causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo” (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Bakhtin apresenta como questão indispensável para compreensão da ideologia no signo:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material [...]*. (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Adail Sobral, em “Filosofias (e Filosofia) em Bakhtin”, especifica que os intelectuais do Círculo de Bakhtin, no conceito da unidade singularidade/generalidade, propunham a análise de objetos de estudo mediante “procedimentos” que contemplassem a “identificação e explicação de relações (não dicotômicas) entre elementos dos objetos estudados” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 137). O estudioso destaca entre elas

- a) forma-conteúdo-material;
 - b) resultado-processo;
 - c) material-organização-arquitetônica;
 - d) individual-interação entre indivíduos;
 - e) cognição-vida prática;
 - f) universalidade-singularidade;
 - g) objetividade (o real concreto) – objetivação (a manifestação semiótica da objetividade);
 - h) estética/ética/cognição (esta última em termos de conhecimento, não de processo cerebral).
- (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 137).

Esses movimentos apresentados acima são fundamentais para a semiótica discursiva, *variáveis* indispensáveis para que no estudo científico exista uma passagem do conhecimento abstrato para um conhecimento concreto, materializado em uma realidade histórica e social. Exemplo destes movimentos é a demonstração que, mantendo-se a unidade conteúdo-forma, acrescenta-se a “natureza do material” e os “procedimentos por ele condicionados” (BAKHTIN, 2003, 177-178). A forma é dependente do conteúdo e do material. Nos signos ideológicos, o objetivo é o conteúdo. Este conteúdo ético-cognitivo será enformado e concluído, subordinando o material ao próprio objetivo. Concluir implica a subordinação do material e alcançar o objetivo ético-cognitivo ou “tensão ético-cognitiva”. Há necessidade de superar o material na tarefa comunicativa.



Neste estudo pode-se entender então, que no jornalismo, superar a linguagem (técnica jornalística) afim de um sentido, ou a superação da própria língua para a conclusão de um discurso, evidencia a obediência de uma lógica criativa, “*uma lógica imanente da criação*”, com os valores da produção de sentido, o contexto do “ato criador”.

[...] antes de tudo precisamos compreender a estrutura dos valores e do sentido em que a criação transcorre e toma consciência de si mesma por via axiológica, compreender o contexto em que se assimila o ato criador. A consciência criadora [...] *nunca coincide* com a consciência lingüística, a consciência lingüística é apenas um elemento, um material [...]. (BAKHTIN, 2003, 179).

O conteúdo apresenta os elementos do mundo, da vida, forjado em parâmetros éticos e cognitivos. Interligado à forma, conteúdo e forma são mutuamente condicionados, produzindo sentido na própria criação. Aquele que cria é o artista e a arte (no caso desta pesquisa, é o jornalista que apresenta um discurso, uma visão, uma realidade materializada no jornal). A atividade estética (acabada na obra jornalística) agrega sentidos de forma acabada, e auto-suficiente. Trata-se de um ato que passa a existir em um novo campo axiológico (o jornal), num devir da interação comunicativa. Assim, também o material condiciona-se com forma e conteúdo, em que o signo é o meio de expressão; numa “lógica imanente da criação”, o material deve ser superado, aperfeiçoado num contexto de criação em que forma e conteúdo revelam o signo em sua superação. De um contexto factual, para a interpretação jornalística, revelado nas páginas de um jornal em outra forma (uso das técnicas jornalísticas) com conteúdos que provocam a “tensão” entre o criador e este contexto de criação.

Considerações finais

A exemplificação do método semiótico discursivo, ou da filosofia da linguagem, de bases bakhtinianas é um estudo mais abrangente e que envolve diversas outras categorias deste filósofo. É importante compreender, seja no estudo da comunicação, seja no estudo da sociedade ou até mesmo no método ora discutido, que agir no mundo, seja nesta pesquisa ou na vida, trata-se de um movimento aberto, inacabado e em eterno devir, um movimento histórico que valoriza dialógicamente a diferença, os vários outros, como correntes diversas de pensamento, que de forma alguma podem ser descartadas.

Bakhtin, com o dialogismo, a alteridade e a potencialidade do signo ideológico, rompe como o cartesianismo e o positivismo, sem nunca negar o dialogismo e a relação



de alteridade de sua própria pesquisa com estes conhecimentos. Ele demonstra a comunicação como um movimento: nele as consciências individuais interagem com outras consciências individuais, num movimento que ganha em complexidade e dinamismo quando o conteúdo e a forma desta comunicação são observados como signos, que, por sua vez, também possuem forma e conteúdo ideológicos em constante interação a partir de esferas e de campos específicos evidentes em múltiplos discursos (BAKHTIN, 1995, p. 31-38).

Observa-se, na complexidade jornalística, além de seu conteúdo, a forma que organiza os componentes apresentados, signos que compõem o discurso na comunicação, seja em palavras, imagens, cores ou sons, todos, conteúdo e forma sónica da comunicação. A comunicação é instrumento de existência social, conteúdo como linguagem e processo, e forma, como movimento estético efetivado nas relações, um acontecimento material que busca ser interpretado pelas assim chamadas teorias da comunicação. Acontecimento que carrega a alteridade do homem como fator fundamental de um movimento que, pela linguagem, dá ao signo sentido e existência ideológica. O homem – num entendimento que não se deixa levar por um reducionismo economicista – é um ser social imerso nesta dinâmica, pois,

Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. [...] Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura (BAKHTIN, 2004, p. 11).

Para Bakhtin, o papel contínuo da comunicação, a consolidação do signo ideológico na materialidade deste movimento, não aparece em lugar algum de forma mais clara do que na própria comunicação. O entendimento da realidade material nos vários campos da sociedade da informação implica no reconhecimento da materialidade ideológica do signo e do papel fundamental da semiótica como instrumento metodológico de pesquisa, de análise e de exposição de dados sustentada nos parâmetros da filosofia da linguagem.

A arquitetura do conhecimento semiótico incorpora dialogicamente o movimento histórico e as condições de elaboração de epistemes no movimento de transformação contínua, na dinâmica das forças vivas sociais que se determina ética e esteticamente. Bakhtin une dialogicamente sua fundamentação do signo ideológico e da alteridade das relações sociais com essa arquitetura vinculada a diversas categorias



conceituais, como dialogismo, cronotopo, exotopia, polifonia, palavra, esfera, campo, enunciação, ética, estética, entre outras.

As potencialidades da filosofia da linguagem, da semiótica discursiva, proporcionam recursos teóricos e metodológicos para o estudo da comunicação e sua complexidade na sociedade contemporânea, seja por um viés epistemológico, ético, estético ou ontológico, além de permitir por meio do dialogismo, a construção de sínteses ricas e concretas de conhecimento, seja sobre o jornalismo ou a própria sociedade.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre a poética sociológica. In: *Freudism – a marxist critique*. Tradução de FARACO, C. e TEZZA, C. (UFPR) para fins didáticos. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2001.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. **A filosofia da linguagem no estudo da comunicação**. In: 4º Encontro de Professores de Jornalismo do Paraná e 2º Encontro de Professores de Jornalismo de Santa Catarina, 2008, Joinville. Anais do 4º Encontro de Professores de Jornalismo do Paraná e 2º Encontro de Professores de Jornalismo de Santa Catarina, 2008.

FORMENTÃO, Francismar. **Palavra e imagem**: signos do presidente Lula na mídia impressa. Cascavel: Editora Coluna do Saber, 2008.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1998.

MASIP, Vicente. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: EPU, 2001.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.



MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia em Bakhtin). In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo, Ática, 2000.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.